

**Ensinando  
economia para  
crianças: os contos  
infantis como  
instrumento de  
letramento  
econômico**

*Teaching economics  
for children: the fair  
tail as instrument for  
economic literacy*

**Ruth Margareth Hofmann**

[ruthofmann@gmail.com](mailto:ruthofmann@gmail.com)

Universidade Federal do Paraná

**Maria Tereza Carneiro Soares**

[mariteufpr@gmail.com](mailto:mariteufpr@gmail.com)

Universidade Federal do Paraná

## Resumo

Condições, restrições e limites fazem parte do cotidiano infantil. As regras instituídas pelos pais, as normas da escola e os padrões sociais definem possibilidades e limites da ação e do comportamento das crianças, fazem parte do processo educacional. Os limites ou as restrições às quais o comportamento infantil está sujeito envolvem, por vezes, escolhas. Expor e ensinar as crianças a fazerem escolhas é parte de sua educação e socialização econômica. Conceitos econômicos são construídos no transcurso da interação da criança com situações comerciais recorrentes em seu dia-a-dia. A inserção de elementos de educação financeira em sala de aula, tendência em muitos países, requer uma preocupação com o ensino de noções econômicas de forma didática e pedagogicamente adequada. Assim, a consolidação de fundamentos de metodologia do ensino de economia para crianças se faz necessária. Dentre as metodologias atualmente disponíveis para tanto destaca-se o emprego de contos infantis para abordagem de conceitos econômicos. Nesse contexto, este trabalho pretende contribuir para a inserção de situações didáticas de economia nas salas de aula das séries iniciais. Para tanto, apresentam-se possibilidades de interface com clássicos da literatura infantil e a título de exemplo, consideram-se obras de La Fontaine, de Saint-Exupéry e de Monteiro Lobato.

**Palavras-chave:** Educação econômica. Letramento financeiro. Letramento econômico; contos infantis.

## Abstract

Conditions, restrictions and limits are part of everyday life for children. The rules imposed by parents, school standards and social standards define limits and possibilities of action and behavior of children, are part of the educational process. The limits or constraints to which the child behavior is subjected, involve sometimes choices. Expose and teach children to make choices is part of their education and economic socialization. Economic concepts are constructed in the course of interaction of the child with recurrent business situations in their day-to-day. The insertion of elements of financial education in the classroom requires a preoccupation with teaching economic concepts didactically and pedagogically appropriate. Thus, the consolidation of the foundations of teaching methodology saving for children is needed. Among the methods currently available to both highlight the use of fairy tales for addressing economic concepts. In this context, this work aims to contribute to the integration of didactic situations economics classrooms of the initial series. Presents possibilities for interfacing with classics of children's literature and as an example are considered works of La Fontaine de Saint-Exupéry and Monteiro Lobato.

**Key words:** Economic education. Financial literacy. Economic literacy. Children's literature.

## I ntrodução

Condições, restrições e limites fazem parte do cotidiano infantil. As regras instituídas pelos pais, as normas da escola e os padrões sociais definem possibilidades e limites da ação e do comportamento das crianças e fazem parte do processo educacional. Os limites ou as restrições às quais o comportamento infantil está sujeito envolvem, por vezes, escolhas. Expor e ensinar as crianças a fazerem escolhas é parte de sua educação e socialização econômica. A educação econômica pressupõe a conjunção de conhecimentos e conceitos propriamente econômicos, matemáticos, sociais, legais e psicológicos. Em geral, a construção dessa interação se dá de forma empírica, mediante o contato que o sujeito tem com situações econômicas do seu cotidiano. As práticas financeiras que a criança constrói fazem parte do amplo conjunto de competências econômicas que se desenvolvem essencialmente no ambiente extraescolar. Trata-se de um aprendizado que se dá predominantemente no contexto das relações familiares, sendo atribuição tradicionalmente materna e paterna o ensino das relações socioeconômicas inerentes ao bom comportamento financeiro.

O papel do dinheiro, a função das instituições bancárias, os diferentes conceitos de remuneração, as características e atribuições dos agentes econômicos, o fluxo de mercadorias e serviços são noções construídas com maior ou menor grau de detalhamento e de precisão no transcurso da interação da criança com situações comerciais recorrentes em seu dia-a-dia. Atualmente aprendizagem de conceitos econômicos também tem sido objeto de análise de pesquisadores no âmbito da Psicologia Econômica. A psicogênese do lucro, do valor econômico, dos preços e de diversos conceitos de caráter socioeconômico tem sido abordada inclusive no contexto das finanças comportamentais. Esses trabalhos tendem a ser particularmente úteis diante de um novo quadro que se configura desde a instituição da Estratégia Nacional de Educação Financeira (ENEF), cuja implementação piloto em 2010 se fez acompanhar da perspectiva de inclusão de conteúdos de letramento financeiro para crianças no ambiente escolar.

A inserção de elementos de educação financeira em sala de aula requer uma preocupação com o ensino de noções econômicas mais amplas de forma didática e

pedagogicamente adequada. Nesse sentido, a consolidação de fundamentos de metodologia do ensino de economia para crianças se faz necessária. Dentre as metodologias atualmente disponíveis para tanto, uma se destaca pelo potencial de transversalidade que proporciona: o emprego de contos infantis para abordagem de conceitos econômicos. É nesse contexto que o presente trabalho tem por objetivo contribuir para a inserção de situações didáticas de economia na escola, particularmente nas salas de aula de educação infantil e das séries iniciais. Para tanto, apresentam-se possibilidades de interface com clássicos da literatura infantil. A abordagem adotada procura ajustar-se ao potencial da transversalidade do tratamento da educação econômica, que pode ser explorada em diferentes circunstâncias escolares e não se limita à educação moral ou à matemática.

O trabalho está estruturado em cinco seções, incluindo-se a presente introdução. Inicialmente (seção 2) faz-se uma revisão da literatura concernente aos estudos sobre o desenvolvimento de conceitos econômicos em crianças. Na seção subsequente (3) descreve-se a metodologia dos planos de aula do Federal Reserve Bank of Philadelphia, instituição que disponibiliza material de educação econômica para crianças, elaborado a partir de textos e contos infantis. A quarta seção apresenta o potencial de interface entre a temática econômica e a literatura infantil do clássico de Saint-Exupéry e de trabalhos de Monteiro Lobato. Por fim, tecem-se algumas considerações finais.

## **Os estudos sobre o desenvolvimento infantil do conhecimento econômico**

De forma relativamente precoce, cada vez mais crianças têm acesso a campanhas publicitárias ostensivas criadas especificamente para atingir essa “parcela de mercado”. Dos clássicos comerciais de TV aos banners apelativos estrategicamente inseridos em sites infantis de entretenimento, a internet pode se tornar uma ferramenta de socialização econômica ou ampliar e intensificar os desafios paternos e maternos que anteriormente se restringiam ou predominavam em estabelecimentos físicos de compras (supermercados, shoppings etc.). Talvez a educação econômica para consumidores não seja capaz, por si só, de resolver os

conflitos entre pais e filhos decorrentes do impulso infantil de aquisição. Contudo, uma abordagem inicial no ambiente escolar de uma sala de aula pode potencializar o desenvolvimento de competências financeiras capazes de amenizar esse tipo de desgaste. Para tanto, faz-se necessário compreender, em princípio, como se constrói o comportamento econômico infantil e como as crianças percebem o universo econômico.

As investigações acerca do processo de desenvolvimento de conceitos econômicos em crianças têm encontrado respaldo analítico e metodológico no âmbito da Psicologia Econômica.

O papel da mídia televisiva e dos pais na socialização de crianças para o consumo foi estatisticamente analisado por Chan e McNeal (2006) em uma amostra de 1.758 crianças chinesas de seis a quatorze anos. Os autores testaram a contribuição relativa modelo de desenvolvimento cognitivo e do modelo de aprendizagem social, com ênfase na TV e nos pais como agentes socializadores. Os resultados das análises indicaram que o modelo de desenvolvimento cognitivo foi mais significativo para a previsão da compreensão que as crianças têm de comunicações comerciais do que o modelo de aprendizagem social<sup>1</sup>. O trabalho apresentou indícios surpreendentes de que os pais chineses não eram importantes agentes socializadores e que a TV desempenhou papel relativamente considerável na socialização das crianças para o consumo. O artigo indicou ainda que o gênero, a renda familiar e o ambiente de mídia tiveram impacto sobre a compreensão infantil a respeito das comunicações comerciais. A socialização econômica também foi objeto de análise de Kirchler e Praher (1990), de Leiser, Sevón e Lévy (1990), de Roland-Lévy (1990a; 1990b), de Wosinski e Pietras (1990), de Zabukovec e Polic (1990), de Harrah e Freidman (1990) e de Leiser e Zaltsman (1990).

---

<sup>1</sup> Enquanto o modelo de desenvolvimento cognitivo tenta explicar a formação de conhecimentos, habilidades e comportamentos do consumidor em função de mudanças qualitativas na fase de desenvolvimento cognitivo (supondo que as crianças passam por diferentes fases de desenvolvimento, desde a infância até a idade adulta, cada fase caracterizando-se por uma estrutura cognitiva própria), o modelo de aprendizagem social, por outro lado, procura explicar a formação desses conhecimentos, habilidades e comportamentos do consumidor, habilidades e comportamentos em função das interações entre os agentes de socialização e indivíduos em diferentes contextos sociais. (CHAN; McNEAL, 2006, p.37-38).

O lucro foi um dos conceitos analisados por Jahoda (1959, 1964; 1979; 1981; 1983), autor que abordou a compreensão de diversas noções ou sistemas de caráter econômico, sobretudo: o sistema de trabalho, o sistema bancário e o sistema do lucro, todos presumidamente relacionados entre si.

Sonuga-Barke e Webley (1993) realizaram um estudo sobre o comportamento financeiro infantil, particularmente sobre a poupança. De caráter experimental, o trabalho procurou analisar, a partir de diversos jogos e simulações, as respostas infantis aos estímulos provocados durante os experimentos. O trabalho visou a avaliar o impacto de fatores sociais sobre o comportamento poupador das crianças, analisando o papel das crenças e atitudes dos pais e o papel de campanhas publicitárias bancárias. Dentre as principais conclusões do estudo os autores apontaram a transição de um comportamento não funcional para um comportamento funcional de poupança.

As estratégias de poupança utilizadas pelas crianças, por sua vez, foram objeto de análise de Otto et al. (2006). Os autores avaliaram as diferenças de habilidade na aplicação de estratégias de poupança e na adoção de um motivo de precaução para a poupança quando considerada a incerteza de renda dos sujeitos. Um jogo foi elaborado a partir de situações e problemas reais enfrentados pelas crianças em seu cotidiano. A partir desse jogo, o estudo investigou as estratégias adotadas por crianças de seis, nove e doze anos na composição de uma poupança para posterior aquisição de um brinquedo, sem que elas soubessem da duração do jogo e das condições futuras. Nesse grupo, verificou-se que os sujeitos aprendiam a lidar com elementos bancários de forma útil e funcional, sendo que as crianças de doze anos com frequência faziam uso da facilidade permanente de depósito bancário para evitar a tentação de gasto. Num segundo grupo, ao contrário do primeiro (que não sabia da duração do jogo) sujeitos de seis a onze anos foram informados da duração do mesmo. As estratégias foram igualmente bem sucedidas, embora variadas.

Cram e Ng (1989) analisaram a percepção que crianças entre cinco e doze anos tinham do conceito de propriedade privada. Para tanto, os autores examinaram os atributos considerados pelas crianças em sua caracterização da noção investigada. A hipótese subjacente, confirmada empiricamente, consistia no

incremento, com a idade, do papel de elementos contratuais em detrimento de aspectos físicos e fatores egocêntricos no endosso infantil à propriedade privada.

Harbaugh, Krause e Vesterlund (2007) investigaram o processo de aprendizagem que as crianças apresentam para negociar. Os autores utilizam um jogo de ultimato para tanto. Essa modalidade de jogo requer dois participantes: o proponente, ao qual se dá certa quantia em dinheiro para realizar propostas de divisão ao outro sujeito, ao qual cabe indicar se aceita ou não a proposta de divisão. Caso a proposta de divisão seja aceita, o dinheiro é dividido de acordo. Caso seja rejeitada, nenhuma das partes fica com o montante que é objeto da proposta e o jogo termina. Realizando o jogo de negociação de forma anônima com sujeitos entre oito e dezoito anos, os autores observaram que a maior variância dos valores propostos estava associada às crianças de menor faixa etária. Por outro lado, dentre as negociações promovidas verificaram-se semelhanças entre o comportamento infantil e o adulto, além da constatação que o aprendizado era reforço.

Quanto à investigação do desenvolvimento de noções socioeconômicas específicas, muitos trabalhos foram desenvolvidos ao longo da década de 1980. O trabalho de Furth (1980) é um dos mais abrangentes estudos sobre o desenvolvimento das concepções infantis do mundo social, sobretudo de três conjuntos de noções: as de governo e comunidade; a de dinheiro; e a dos papéis sociais.

Berti e Bombi (1981) partiram da análise da compreensão que as crianças expressam da remuneração pelo trabalho, concluindo que as mais novas entendiam as relações econômicas como sendo uma relação direta entre duas pessoas, enquanto as mais velhas eram capazes de estabelecer relações diferentes entre o sujeito que trabalha e o sujeito que paga. Segundo as autoras, tais relações acabam por se generalizar progressivamente até que os sujeitos sejam capazes de conectar diversos aspectos da vida econômica num sistema relativamente harmônico. A compreensão que as crianças expressam acerca da lógica de operação de lojas e de fábricas também foi abordada por Berti e Bombi com auxílio de De Beni (1986).

Ng (1983) abordou as concepções infantis concernentes ao papel econômico do banco e à lógica das transações e do lucro comercial de estabelecimentos clássicos, como lojas. O autor estabelece uma comparação dos resultados de seu

trabalho, realizado com crianças em Hong-Kong, com os resultados obtidos por Jahoda (1983), na Escócia, ressaltando as similaridades inerentes à progressão das construções infantis.

Leiser (1983) analisou, mediante questionários e entrevistas com crianças e adolescentes israelenses de sete a dezessete anos, a compreensão de diversas noções econômicas, o que incluiu o comércio, a produção, as greves, os investimentos e as causas da inflação. O autor observa que os fenômenos macroeconômicos externos ao escopo explicativo das concepções individuais eram entendidos mais tardiamente do que os comportamentos individuais dos atores. Trabalho análogo foi realizado por Furnham e Cleare (1988), pesquisadores que investigaram os conceitos de preços, salários, investimentos e greves de 134 crianças britânicas. Nesse mesmo sentido foram desenvolvidos os artigos de: Lyck (1990), que abordou as concepções que 57 crianças norueguesas e seus pais possuíam acerca do mercado de trabalho e do funcionamento da instituição bancária; e de Sevón e Weckström (1989), que analisaram a compreensão de eventos econômicos referentes a preços, impostos, oferta de moeda e disponibilidade de recursos por parte de 105 crianças finlandesas. Analogamente, percepções infantis de riqueza, pobreza, desigualdade e desemprego foram avaliadas por Bonn *et al.* (1999) a partir de uma investigação com crianças sul-africanas de sete, nove, onze e quatorze anos.

Delval e Kohen (2001) investigaram, por meio do método clínico, a noção infantil de preço a partir da compreensão de aspectos como: o que é necessário comprar; o conhecimento de preços de diferentes mercadorias; comparações entre preços e explicações de diferenças entre os preços entre diferentes mercadorias; a noção do lucro do lojista como diferença entre o preço de compra e o de venda; as diferenças entre bens livres e bens comprados em estabelecimentos comerciais; o pagamento de serviços; e as diferenças de preços entre lojas.

Leiser e Halachmi (2006) utilizaram pequenas histórias, inclusive com ilustrações, para apresentar diferentes situações-problema às crianças, no intuito de explorar seu conhecimento sobre as forças de mercado. Dentre os resultados obtidos pelos autores tem-se que as crianças em idade pré-escolar tendem a compreender inicialmente os efeitos da demanda, e somente depois disso tornam-se



capazes de compreender os efeitos da oferta. Tal tendência, na perspectiva dos autores, caracteriza-se pela transição de sistemas parciais isolados para uma integração progressiva da compreensão de sistemas diferentes.

## **A economia nos contos infantis: os planos de aula do Federal Reserve Bank of Philadelphia**

O Federal Reserve Bank da Filadélfia é responsável por auxiliar no processo de formulação e implementação de política monetária, pela supervisão de bancos e instituições bancária, bem como pela oferta de serviços financeiros para instituições depositárias e do governo federal dos Estados Unidos. O Federal Reserve da Filadélfia é um dentre os 12 bancos de reserva regionais dos EUA, que, juntamente com o Conselho de Governadores em Washington, compõem o Sistema da Reserva Federal. Além de tais atribuições institucionais, o Federal Reserve Bank da Filadélfia mantém iniciativas de letramento financeiro e econômico, fundamentalmente baseadas na disponibilização de recursos didáticos para consumidores e para professores. Complementarmente, o Banco mantém uma mostra gratuita e permanente acerca da história do dinheiro, do funcionamento dos bancos e do sistema bancário nacional (Money in Motion).

O material didático disponibilizado em arquivos (PDF) para professores pela instituição compõe-se de quatorze planos de trabalho com indicações e orientações de procedimento para abordagem de conceitos econômicos para crianças de cinco a doze anos (QUADRO 1). Os arquivos têm entre oito e vinte páginas, sendo o tamanho variável em função do material de apoio oferecido. Cada plano possui, basicamente:

- a) uma breve descrição;
- b) a faixa etária recomendável para a atividade;
- c) o conteúdo padrão;
- d) os conceitos econômicos abordados;
- e) os objetivos da lição;
- f) o tempo estimado para conclusão das atividades propostas;
- g) os materiais requeridos;

- h) os procedimentos recomendados (passo a passo);
- i) uma discussão síntese;
- j) a avaliação; e
- k) anexos com recursos visuais a serem convertidos em recursos materiais de suporte à lição.

**Quadro 1 – Resumo de alguns planos de lições de Economia para crianças do Federal Reserve Bank of Philadelphia.**

<b>Título da lição</b>	<b>Descrição do plano</b>	<b>Conceitos trabalhados</b>	<b>Faixa etária</b>
<i>Monster Musical Chairs</i> , de Stuart J. Murphy	Os alunos ouvem a leitura de “ <i>Monster Musical Chairs</i> ” e devem identificar o problema de escassez que os monstros tinham (falta de cadeiras suficientes para que todos os monstros possuíssem uma). Os alunos usam a imagem de um monstro de sua preferência, desenham e passam a jogar uma variação do jogo do livro (“dança das cadeiras”). Na adaptação proposta as cadeiras são rotuladas como bens. Os alunos aprendem que um bem pode satisfazer um desejo, e que, devido à escassez nem todos os desejos podem ser satisfeitos.	Desejo (econômico), bem e escassez.	5 a 6 anos
Dinheiro, dinheiro, mel Coelho (“ <i>Money, Money, Honey Bunny!</i> ”), de Marilyn Sadler)	Os estudantes ouvem uma narrativa com diversas rimas sobre um coelho que tem um monte de dinheiro em seu cofrinho. Os estudantes distinguem entre gasto e poupança e entre bens e serviços. As crianças jogam um jogo de correspondência para rever o conteúdo da narrativa e para praticar palavras que rimam.	Bens, palavras que rimam, poupança, serviços e gastos.	6 a 8 anos
Tão pouco de mim (“ <i>So few of me</i> ”), de Peter H. Reynolds).	Os alunos aprendem sobre a escassez, alternativas, escolhas e custos de oportunidade a partir do livro “Tão pouco de mim”, de Peter H. Reynolds. A classe participa de uma atividade para ajudar uma personagem (Perdita) a descobrir seu horário da manhã no acampamento de verão. Os alunos devem identificar as alternativas Perdita e a partir disso escolher atividades para ela, bem como os custos de oportunidade dessas escolhas. Em seguida, os alunos trabalham em grupos para fazer escolhas e identificar os custos de oportunidade para a programação de outro personagem (Juan) depois da escola.	Escolha, alternativa, custo de oportunidade e escassez.	7 a 9 anos
Batata: um conto da Grande Depressão (“ <i>Potato: A Tale from the Great Depression</i> ”, de Kate Lied).	Depois de ler e discutir a história de uma família durante a Grande Depressão, os alunos são estimulados a diferenciar e entre bens, serviços e pensar sobre troca e dinheiro. Os estudantes são conduzidos em várias rodadas de uma atividade de troca que incorpora habilidades matemáticas. Por meio desta atividade, os alunos aprendem sobre as dificuldades do uso escambo para satisfazer desejos.	Troca e escambo, consumidores, bens, renda, dinheiro, serviços e desejos.	7 a 9 anos

<b>Título da lição</b>	<b>Descrição do plano</b>	<b>Conceitos trabalhados</b>	<b>Faixa etária</b>
A fábrica de tortilhas (“ <i>The tortilla factory</i> ”, de Gary Paulsen)	Os alunos observam o professor (ou a professora) produzir um taco de papel e são incentivados a produzir os seus próprios tacos de papel na sequência do processo demonstrado pelo professor (pela professora). Os alunos aprendem sobre os recursos produtivos (recursos humanos, recursos naturais, bens de capital) e intermediários usados para produzir bens e serviços finais. Eles ouvem o livro “A fábrica de tortilhas” e são incentivados a identificar os recursos produtivos e os bens intermediários utilizados na produção de tortilhas de milho. Os alunos classificam os recursos utilizados para produzir os seus tacos de papel.	Recursos produtivos, recursos naturais, recursos humanos, bens de capital e intermediários.	8 a 10 anos
Sábado de sancocho (“ <i>Saturday Sancocho</i> ”, de Leyla Torres)	Os estudantes ouvem algumas perguntas e as respondem com base na narrativa de uma família na América Central ou do Sul, que permuta para obter os ingredientes para fazer frango <i>sancocho</i> , uma espécie de guisado. Os alunos completam frases que registram as várias permutas realizadas pela família para obter todos os ingredientes para o <i>sancocho</i> . A família também participa de atividades comerciais que ilustram as vantagens do dinheiro em face do escambo.	Escambo, coincidência de desejos, troca e dinheiro.	8 a 10 anos
O bode no tapete (“ <i>The Goat in the Rug</i> ”, de Charles L. Blood e Martin Link)	Estudantes ouvem a narrativa infantil do livro “O Bode no tapete”, sobre de um tecelão Navajo que utiliza uma série de recursos e bens intermediários para fazer um tapete tradicional Navajo. Os alunos são colocados em grupos para aprender sobre os recursos produtivos e os bens intermediários. Eles jogam um jogo de correspondência e fazem cartazes para classificar os recursos naturais, recursos humanos, recursos de capital e bens intermediários usados na história.	Bens de capital, recursos humanos, bens intermediários, recursos naturais e recursos produtivos.	8 a 10 anos
Menos que Zero (“ <i>Less Than Zero</i> ”, de Stuart J. Murphy.)	Os estudantes aprendem sobre economia, metas de poupança, empréstimos, juros e custo de oportunidade pela leitura do livro “Less than Zero”, de Stuart J. Murphy. Os alunos utilizam uma linha numérica e um gráfico de linha para controlar gastos e empréstimos na história.	Empréstimos, juros, poupança e meta de poupança.	8 a 10 anos
Na quadra com... Michael Jordan (“ <i>On the Court with ... Michael Jordan</i> ”, de Matt Christopher)	Os estudantes participam de uma simulação para saber mais sobre opções, alternativas, custo de oportunidade e capital humano. Eles aprendem um modelo de tomada de decisão, aplicam-no e reconhecem que o aprendizado do modelo é um investimento no seu capital humano. Os grupos de alunos devem construir uma torre com copos de papel. Cada grupo tem diferentes capacidades físicas com base em um dado nível de capital humano.	Alternativas, tomada de decisões, capital humano, investimento em capital humano, custo de oportunidade.	9 a 11 anos

<b>Título da lição</b>	<b>Descrição do plano</b>	<b>Conceitos trabalhados</b>	<b>Faixa etária</b>
Uma cesta de braceletes: como um negócio começa ( <i>“A Basket of Bangles: How a Business Begins”</i> , de Ginger Howard)	Os estudantes ouvem uma história e respondem a perguntas sobre os empréstimos em Bangladesh. Eles completam um diagrama que mostra o impacto dos empréstimos em uma comunidade. Trabalhando em grupo, eles comparam as semelhanças e diferenças entre os bancos de empréstimos nos Estados Unidos e empréstimos do Banco Grameen, em Bangladesh. Os alunos trabalham com um parceiro para estimar os lucros com base nos preços de um catálogo nos preços constantes no livro.	Bancos, garantias, juros e lucro.	9 a 11 anos
A barbearia do Tio Jed ( <i>“Uncle Jed’s Barbershop”</i> , de Margaree King Mitchell)	Os estudantes ouvem a narrativa de uma obra infantil sobre um barbeiro afro-americano que, apesar dos contratempos significativos, economiza dinheiro suficiente para comprar a sua própria barbearia. A partir da narrativa, os alunos aprendem sobre a economia, as metas de poupança, o custo de oportunidade, e segregação. Os alunos também participam de um jogo de cartas para investigar o que é preciso para atingir uma meta de poupança.	Alternativas, falha bancária, custo de oportunidade, a poupança e seu objetivo e a segregação.	9 a 11 anos
O dia de dez milhas ( <i>“Ten Mile Day”</i> , de Mary Ann Fraser)	Nesta lição multidisciplinar, os estudantes trabalham em pequenos grupos (“equipes de trabalho”) enquanto participam de uma atividade de produção. Os alunos aprendem sobre concorrência, divisão do trabalho e incentivos. A atividade também demonstra como a divisão do trabalho e os incentivos ajudam a levar a uma maior produtividade.	Bens de capital, divisão do trabalho, capital humano e incentivos e produtividade.	10 a 12 anos

FONTE: Federal Reserve Bank of Philadelphia (2012), tradução livre.

As lições são construídas a partir do conteúdo de contos infantis, cujas narrativas são tomadas a partir de uma perspectiva econômica. A título de exemplo, pode-se considerar o plano intitulado “A Fábrica de Tortilhas”. Nessa lição, as crianças devem observar a professora produzir um taco de papel. Em seguida, devem produzir os seus próprios tacos de papel, seguindo a sequência do processo demonstrado pela professora. O objetivo é que os alunos aprendam sobre os diferentes tipos de recursos produtivos (humanos, naturais, bens de capital e intermediários) empregados na produção de bens e serviços finais. A lição é inspirada no livro “The tortilla factory”, de Gary Paulsen. A partir da narrativa, deve-se estimular as crianças a identificarem os recursos produtivos e os bens intermediários utilizados na produção de tortilhas de milho mencionadas no conto, o que pode ser feito solicitando-se aos alunos que classifiquem os recursos utilizados para produzir os seus tacos de papel. A atividade é recomendável a crianças entre oito e dez anos. Os conceitos a serem abordados incluem as noções de recursos produtivos; recursos naturais; recursos humanos; bens de capital; e bens

intermediários. O conteúdo do plano prevê, inclusive, a discussão do conceito de bens livres:

**Padrão 1:** Os alunos irão entender que os recursos produtivos são limitados. Portanto, as pessoas não podem ter todos os bens e serviços que querem, como resultado, elas devem escolher algumas coisas e abrir mão de outras.

- Referência 9, Grau 4: recursos produtivos são os recursos naturais, recursos humanos, e bens de capital disponíveis para produzir bens e serviços.
- Referência 10, Grau 4: Os recursos naturais, como a terra, são "dons da natureza", pois eles estão presentes sem intervenção humana.
- Referência 11, Grau 4: Os recursos humanos são a quantidade e a qualidade do esforço humano direcionado para produzir bens e serviços.
- Referência 12, Grau 4: Os bens de capital são bens produzidos e utilizados para fazer outros bens e serviços. (FEDERAL RESERVE BANK OF PHILADELPHIA, 2012)<sup>2</sup>

O plano alicerça-se na possibilidade de explorar os conceitos econômicos a partir da própria narrativa de Paulsen, criando situações didáticas de educação econômica capazes de proporcionar o contato das crianças com importantes noções econômicas subjacentes ao seu letramento. Associando os elementos lúdicos do conto às atividades de produção, o plano dá margem à integração transversal de conceitos socioeconômicos interdependentes. Integram-se competências elementares de classificação com elementos qualitativos inerentes à dinâmica econômica. É preciso compreender o processo de produção, é necessário mobilizar os insumos, ajustar suas proporções e combiná-las de modos específicos para gerar um resultado desejável.

---

<sup>2</sup> Tradução livre de:

Standard 1: Students will understand that productive resources are limited. Therefore, people cannot have all the goods and services they want; as a result, they must choose some things and give up others.

- Benchmark 9, Grade 4: Productive resources are the natural resources, human resources, and capital goods available to make goods and services.
- Benchmark 10, Grade 4: Natural resources, such as land, are "gifts of nature"; they are present without human intervention.
- Benchmark 11, Grade 4: Human resources are the quantity and quality of human effort directed toward producing goods and services.
- Benchmark 12, Grade 4: Capital goods are goods produced and used to make other goods and services. (THE FEDERAL RESERVE BANK OF PHILADELPHIA, 2012)

## Figura 1 – Atividade Proposta No Plano “A Fábrica De Tortilhas”

### Assessment

16. Distribute a copy of Handout 2 to each student. Ask them to read the directions and complete the handout. *Answers to the assessment:*

1. Natural
2. Human
3. Capital
4. Intermediate
5. Productive

Natural Resources:	sunlight, land under the house
Human Resources:	Eva
Capital Resources:	knitting needles, pattern, chair, house
Intermediate Goods:	yarn

FONTE: Federal Reserve Bank of Philadelphia (2012)

Para que as crianças sejam estimuladas a definir, diferenciar e classificar os recursos produtivos (FIGURA 1), o plano contempla uma lista de materiais a serem utilizados para as atividades, o que inclui o livro que nomeia a lição, as ilustrações constantes no próprio documento (conforme exemplificado na FIGURA 2) e as etapas do processo de fabricação (FIGURA 2). O exercício de classificação (FIGURA 1) se revela particularmente importante sob a perspectiva da educação econômica na medida em que estimula o reconhecimento de categorias econômicas<sup>3</sup> com as quais os pequenos se defrontam cotidianamente, ainda que de forma indireta. Reconhecer a necessidade de mobilização de recursos – escassos – para a produção significa defrontar-se com limites que não os morais e comportamentais impostos pelas referências maternas e paternas. A familiaridade com limites essencialmente impessoais da lógica econômica faz parte do processo de educação e socialização econômica.

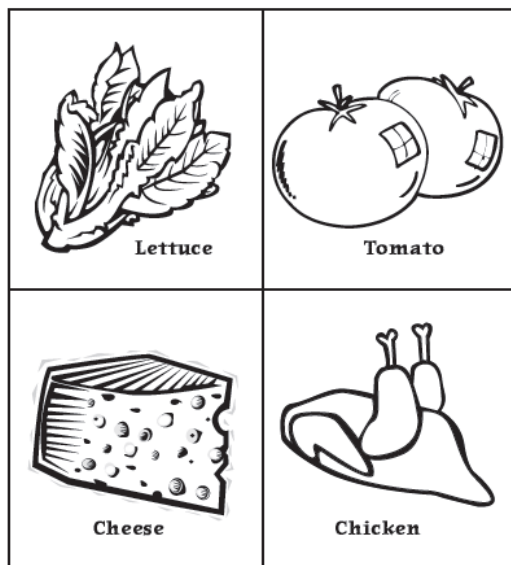
---

<sup>3</sup> Trata-se, indubitavelmente, de categorias que mantêm estreita relação com vertentes específicas da Ciência Econômica. Nota-se que a concepção de economia implícita nas lições propostas mantém aderência com as definições de Economia tradicionalmente indicadas nos manuais universitários de introdução à economia. Certamente abordagens heterodoxas e concepções alternativas de Economia ajustam-se à educação econômica e não devem ser negligenciadas. Ainda que relevante e mesmo necessário, foge ao escopo do presente trabalho analisar as vertentes teóricas, epistemológicas e ideológicas subjacentes às lições de economia aqui consideradas, posto recair o foco sobre a estratégia de inserção da economia como objeto de ensino para crianças.

**Figura 2 – ilustração do plano da lição “a fábrica de tortilhas” e “processo de fabricação” dos tacos mencionados na atividade**

Tortilla Factory

Handout 1: Taco Ingredient Cards



Tortilla Factory

Visual 1: Paper Taco Directions

- Fold the paper plate in half.
- Color the cheese wedge yellow.
- Cut out the cheese wedge using the scissors.
- Color the tomato red.
- Cut out the tomato.
- Color the lettuce wedge green.
- Cut out the lettuce wedge.
- Color the chicken brown.
- Cut out the chicken.
- Unfold the paper plate.
- Glue the cheese wedge, tomato, lettuce wedge, and chicken to the inside of the paper plate.
- Refold the paper plate closed.
- Paper clip the paper plate along the edge to keep it closed.

FONTE: Federal Reserve Bank of Philadelphia (2012)

O material de apoio (FIGURA 2) envolvido nas atividades foi concebido para se articular o desenvolvimento de habilidades tradicionalmente estimuladas no ambiente escolar. Os recursos econômicos a serem classificados devem ser previamente coloridos e recortados, bem como as atividades de estímulo à coordenação motora fina das crianças. Assim, a situação didática construída para se lecionar conceitos econômicos mantém aderência com o cotidiano da lógica escolar, sem promover rupturas substanciais em relação à dinâmica pedagógica previamente instituída no ambiente didático. Nessas circunstâncias, as crianças acabam por se familiarizar com os conceitos econômicos imersos nos contos e, concomitantemente, podem estabelecer relações com seu cotidiano extraescolar, cabendo ao educador responsável pelas atividades estimular as reflexões e comparações entre a situação lúdica do conto e a realidade a que os infantes têm acesso. Incluem-se, nessa relação, os diversos contatos que discutem situações econômicas, das mais triviais às mais complexas.



Em termos gerais, todos os planos disponibilizados pelo Federal Reserve Bank da Filadélfia procuram conciliar o aspecto lúdico do conto infantil com a natureza econômica dos conceitos que o permeiam. A complementaridade entre narrativa e atividades de classificação, correspondência, escolha e decisão permeia toda a metodologia dos planos e soa instigante para uma abordagem inicial de conceitos econômicos em sala de aula.

## **A economia nos clássicos infantis: de Saint-Exupéry a Monteiro Lobato**

Em situações do cotidiano escolar as próprias crianças oferecem inúmeras situações para intervenções de digressões econômicas e educação financeira. Nas atividades que envolvem o uso de materiais (giz de cera, lápis de cor, etc.) em quantidades limitadas, as trocas são recorrentes. Pode-se mesmo observar que nessas práticas há negociação e princípios de equivalência que definem as proporções de troca, fazendo-se os pequenos usos de suas próprias noções de valor de uso e valor de troca. Nas atividades recreativas que permitem o uso de brinquedos, e sendo estes disponibilizados em quantidades diferentes e limitadas, logo se pode identificar um objeto preferido (com maior valor de uso), do qual a criança somente se predispõe a abrir mão em troca de outro “tão preferido quanto ou mais do que” (de mesmo ou maior valor de uso) ou por uma quantidade maior de outros (valor de troca). Os princípios de troca apreendidos pelas crianças quando se relacionam espontaneamente entre si são uma rica oportunidade a ser explorada para introduzir e abordar elementos de educação financeira.

A criação de situações de intercâmbio com itens (brinquedos, doces, ilustrações ou elementos simbólicos) qualitativamente distintos e capazes de despertar dentre as crianças preferências semelhantes e distintas, mobilizando intenções de troca e aquisição, também, proporcionam condições para abordagem da temática financeira. A proposta de atividade pode ser acompanhada da inclusão de um instrumento de troca, cuja função pragmática e simbólica pode ser simulada e analisada. Nessas diferentes situações é possível analisar a transferência de posse como um rudimento da troca econômica mediada por dinheiro. A compra, assim,



pode ser abordada como um processo que pressupõe troca: abre-se mão de um objeto por outro. O dinheiro pode ser abordado como instrumento facilitador das trocas. Como parte do processo da troca, podem-se analisar os critérios de equivalência apreendidos por meio da relação e pode-se igualmente explorar a dimensão psicológica do sacrifício de se abrir mão e da satisfação de se usufruir do objeto da troca.

Analisar o papel do consumo e do consumidor no processo de troca econômica é uma forma de subsidiar uma das dimensões da lógica econômica: a dimensão financeira. Reconhecida a importância da equivalência para a troca e o papel da moeda, pode-se proceder à análise da circulação financeira que possibilita o exercício do papel do consumidor, ligando-o, no circuito econômico, ao produtor. Cabe, nesse contexto, explicar a restrição orçamentária como o limite da aquisição. A origem do dinheiro, as formas de remuneração, as diferenças entre profissões também podem ser abordadas, sob a forma de narrativas, nesse mesmo contexto. Igualmente, podem-se abordar os processos de produção e circulação econômica à luz do trabalho, da utilidade, da especialização e de um vasto conjunto de conceitos econômicos.

Além do aproveitamento didático de situações espontâneas, breves narrativas ilustradas como a mencionada na seção anterior tendem a ser instrumentos instigantes para introduzir as crianças ao conceito de dinheiro, de escassez, valor, escolha, decisão e de inúmeras outras noções do universo econômico. Ao contar a história do dinheiro como instrumento econômico perpassa-se um conjunto de objetos econômicos correlatos no universo das finanças: pode-se abordar a escassez dos recursos, valor de uso e valor de troca, divisão do trabalho e remuneração, as necessidades de troca, o escambo, as preferências, o papel da moeda e das agências bancárias e assim por diante.

Muitos dos clássicos infantis podem ser tomados direta ou metaforicamente para tal empreendimento: os irmãos Jacob e Wilhelm Grimm, Hans Christian Andersen, Jean de La Fontaine, Antoine de Saint-Exupéry e Monteiro Lobato, no contexto da polissemia inerente à literatura, fornecem elementos interpretativos extremamente ricos para, dentre tantas modalidades educativas, abordar

didaticamente a educação econômica para crianças. A título de exemplo, consideram-se aqui obras de La Fontaine, de Saint-Exupéry e de Monteiro Lobato.

Propõe-se inicialmente a análise do potencial da obra de La Fontaine, em especial da fábula “A cigarra e a formiga”, com sua conotação moral em prol do trabalho e da poupança, abre possibilidades para a temática da produção, da acumulação, do empréstimo e do consumo, expressando distintas decisões intertemporais:

Tendo a cigarra em cantigas/Folgado todo o verão/Achou-se em penúria extrema/Na tormentosa estação./Não lhe restando migalha/Que trincasse, a tagarela/Foi valer-se da formiga,/Que morava perto dela./Rogou-lhe que lhe emprestasse,/Pois tinha riqueza e brio,/Algum grão com que manter-se/Até voltar o aceso estio./"Amiga, – diz a cigarra –/Prometo, à fé d'animal,/Pagar-vos antes de agosto/Os juros e o principal."/A formiga nunca empresta./Nunca dá, por isso junta:/"No verão em que lidavas?"/A pedinte ela pergunta./Responde a outra: "Eu cantava/Noite e dia, a toda hora./– Oh! Bravo!, torna a formiga:/Cantavas? Pois dança agora!" (LA FONTAINE, 2005)

O conceito de juros pode ser abordado a partir de sua definição – dentre as várias – que a relaciona com a liquidez. Podem-se inserir elementos previdenciários na apresentação da temática econômica junto às crianças. Com auxílio de material ilustrativo, pode-se estimular as crianças a elaborar o planejamento de acumulação e consumo de grãos para os insetos, bem como seu próprio planejamento de consumo e de poupança a partir da inspiração da fábula.

A fábula “O galo e a pérola”, por sua vez, possibilita uma reflexão acerca da utilidade e do valor econômico decorrente dela:

Um galo achou num terreiro/Uma pérola, e ligeiro/Corre a um lapidário e diz:/"Isto é bom, é de valia./De milho um grão todavia/Era um achado mais feliz"./Um néscio ficou herdeiro/De um manuscrito, e a um livreiro/Vai à pressa, e fala assim:/"É bom, é livro acabado./Concordo, mas um ducado/Valia mais para mim!"

A partir desse conto, as crianças podem ser estimuladas a apresentar exemplos de bens capazes de saciar necessidades – sejam biológicas, psicológicas, práticas etc. No que tange aos bens econômicos, as atividades complementares à discussão podem ser acompanhadas, a partir da noção de mercadoria, de encartes de supermercados ou anúncios ilustrados do gênero. As ilustrações podem ser

classificadas a partir de diferentes categorias econômicas (bens de consumo duráveis e não duráveis, bens de capital e intermediários etc.). As atividades podem estar vinculadas a outro conto de La Fontaine, “O financeiro e o remendão”, que, além da discussão acerca da mercadoria como noção econômica, permite que sejam abordados elementos como as noções de riqueza e de pobreza:

Um remendão cantava noite e dia,/Era um gosto escutá-lo!/Ditoso na pobreza, parecia/Um nababo nadando na opulência./Seu vizinho não tinha igual regalo,/Nem tranquilo repouso./Apesar da riqueza, a consciência/Trazia-o cuidadoso./Um financeiro era o tal vizinho;/E vivia acusando a Providência/De não ter feito o sono e a alegria/Uma mercadoria./Que se comprasse como o pão e o vinho./Se às vezes dormitava,/Do remendão o canto o acordava!/Fê-lo ir à sua casa o financeiro/E perguntou-lhe: – “Ó mestre, a quanto monta/O que podes ganhar num ano inteiro?/– Não posso calcular tamanha conta.../Tantos santos há hoje na folhinha/Causando feriados,/Que não ousa dizer, por vida minha,/Quanto um ano me rende... Alguns cruzados,/Pra não morrer de fome, chega apenas/O que faço por dia,/Miserando salário,/Após muito trabalho, rudes penas!.../– Pois toma esta quantia,/Retruca o milionário;/Quero dar-te a fatura./Não mais trabalharás em tua vida!”/E entregou-lhe uma bolsa bem sortida./Foi às nuvens o pobre sapateiro!/Julgou-se logo o dono/De todo o ouro da terra!/Apressado correu ao seu telheiro,/Aonde esconde e enterra/Não só o ouro... a alegria e o sono!.../Adeus, ledas cantigas!/Qualquer ruído o põe em sobressalto;/Se dorme, escuta vozes inimigas,/E treme até do leve andar do gato!/O mísero maldiz do seu contrato,/E prestes o desfaz;/Vai ter com o financeiro/Que tranquilo dormia,/E diz-lhe: “Tome lá o seu dinheiro,/Guarda-o, eu guardarei a cantaria/ E o meu dormir em paz!”

“O pequeno príncipe”, de Antoine de Saint-Exupéry, possibilita a discussão de diferentes elementos econômicos: do limite físico do planeta habitado pelo protagonista à noção de propriedade e utilidade no diálogo com o habitante do quarto planeta visitado, o “homem de negócios” ou “empresário”, a depender da tradução:

(...) Quando achas um diamante que não é de ninguém, ele é teu. Quando achas uma ilha que não é de ninguém, ela é tua. Quando tens uma ideia primeiro, tu a fazes registrar: ela é tua. E quanto a mim, eu possuo as estrelas, pois ninguém antes de mim teve a ideia de as possuir. Isso é verdade, disse o príncipezinho. E que fazes tu com elas? Eu as administro. Eu as conto e reconto, disse o homem de negócios. É difícil. Mas eu sou um homem sério! O príncipezinho ainda não estava satisfeito. Eu, se possuo um lenço, posso colocá-lo em torno do pescoço e levá-lo comigo. Se possuo uma flor, posso colher a flor e levá-la comigo. Mas tu não podes colher as estrelas. Não. Mas eu posso colocá-las no banco.

Que quer dizer isto?

Isso quer dizer que eu escrevo num papelzinho o numero das minhas estrelas.

Depois tranco o papel a chave numa gaveta.

- Só isto?

- E basta...

Pode-se explorar a relação entre valor e utilidade, valor e trabalho, mercadorias e não-mercadorias. Complementarmente, podem-se adotar estratégias análogas às empregadas nas investigações acerca da aprendizagem de noções econômicas em crianças. Pode-se, por exemplo, solicitar às crianças que separem as ilustrações de mercadorias e não-mercadorias (incluindo bens livres), estimulando-as a pensar em termos de categorias econômicas. As ilustrações também podem ser empregadas para a discussão de conceitos como escassez e decisão. Inspirando-se na narrativa de Saint-Exupéry, podem-se expor às crianças diversas ilustrações de objetos do interesse infantil que podem ser escolhidas no contexto da restrição de espaço inerente ao planeta do protagonista. Especifica-se aos pequenos que, em havendo pouco espaço, o príncipe defrontava-se constantemente com uma restrição.

A obra de Monteiro Lobato também contém passagens com potencial importante em termos da didática da educação econômica. Note-se, por exemplo, o capítulo VIII de “As caçadas de Pedrinho”, intitulado “Os negócios de Emília”:

Ciganinha como era, [Emília] costumava tirar partido de tudo. Por isso estava se tornando a boneca mais rica do mundo. O acaso a fizera descobrir um rinoceronte. Pois bem: Emília iria vender esse rinoceronte a Pedrinho...

(...)

– Escute cá, Pedrinho. Quanto acha você que vale um rinoceronte no Brasil? Responda!

O menino tonteou com o disparate. Não podia haver pergunta mais absurda e boba do que aquela. Ficou danado.

– Foi para isso que me veio interromper a leitura do jornal? Ora, vá lamber sabão, ouviu?

Novo sorriso finório da boneca, que disse:

– Paz, paz! Não se queime. Responda à minha pergunta. Dê um preço qualquer.

– Não amole, Emília. Se continua a insistir, leva um peteleco.

– Não sabe – disse ela. – É natural. Um menino que jamais saiu do Brasil, que não esteve nem no Rio de Janeiro, é natural que não saiba o preço dum rinoceronte. Está desculpado...

– Bobagem! – exclamou Pedrinho, queimado. – Então é preciso ter saído do Brasil, ter viajado pelo mundo, para saber uma coisa à toa como essa? Basta um pouco de raciocínio.

– Pois raciocine e responda à minha pergunta.

Pedrinho pensou um bocadinho e disse:

– Vale contos de réis. O valor das coisas depende da raridade delas, diz vovó. Numa terra onde haja centenas de rinocerontes, um deles vale... vale quanto? Vale o mesmo que um boi aqui ou uma vaca. Mas em terra onde não há nenhum, vale o que for pedido pelo seu dono. Eu, por exemplo, se fosse rico, era capaz de dar até trinta contos por um rinoceronte.

– Bom. Se fosse rico, dava trinta contos. E quanto dá sendo pobre? Tinha coragem de dar por um deles o carrinho de cabrito?

Esse carrinho de cabrito constituía o orgulho do menino. Fora presente do Manuel Carapina, um carpinteiro que passara lá uns dias, reformando o assoalho da casa. Pedrinho dava mais valor ao carrinho do que a todos os coches dourados de todos os reis da Terra – pela simples razão de que o carrinho lhe pertencia e os coches pertenciam aos reis. Mas um rinoceronte era um rinoceronte, de modo que a resposta do menino foi a que podia ser.

– Um rinoceronte vale todos os carrinhos de cabrito do mundo inteiro – disse ele.

– Pois eu tenho um belo rinoceronte à venda e se você quiser trocá-lo pelo carrinho, o negócio está feito.

– Basta! – gritou o menino. – Se continua a amolar-me com essa história, vou lá no seu cantinho e quebro todos os seus brinquedos. – Disse e absorveu-se de novo na leitura dos jornais.

Emília não contara com aquela saída. Percebeu que nem Pedrinho, nem ninguém no mundo jamais acreditaria que ela realmente tivesse um rinoceronte para vender – e desse modo estava arriscada a perder um grande negócio, talvez o melhor negócio de sua vida...

Trata-se de uma interessante oportunidade para apresentar às crianças conceitos como valor econômico e preço, incluindo alguns elementos de oferta e de demanda. Também nesse caso podem-se empregar recursos gráficos, ilustrações para indicar diferenças de preços baseadas nos determinantes de sua composição. Além disso, a necessidade de conciliação de diferentes sistemas de mensuração no processo de troca econômica também é passível de abordagem a partir da obra de Monteiro Lobato. Em “Aritmética da Emília” há uma passagem que trata especialmente do que o autor define como “as medidas do valor do dinheiro”:

Depois temos as medidas do valor do dinheiro, que são as moedas, e que variam em cada país. Todos os povos possuem a sua medida especial do dinheiro, que em alguns é bem complicada. Na Inglaterra<sup>4</sup>, por exemplo.

---

<sup>4</sup> O texto antecede a criação do Euro.

A unidade da moeda na Inglaterra é a LIBRA ESTERLINA, que vale 20 Shillings. O SHILLING vale 12 Pence, O PENNY vale 4 Farthings.

– Que história de Pence e Penny é essa? – quis saber Pedrinho. – É Pence ou Penny, afinal de contas?

– Penny é o singular e Pence é o plural. Temos de dizer 1 Penny, e 2 Pence. O sinal da Libra Esterlina é £. O sinal do Shilling é s, e o sinal do Penny é d.

– Por quê d?

– Coisa antiga. Havia antigamente o DENÁRIO, e o d do Denário ficou, apesar de ele ter cedido o seu lugar ao Penny. Os ingleses são muito conservadores.

– E que outras moedas há?

– Em muitos países as moedas seguem o sistema decimal, como nos Estados Unidos, em que a unidade é o DÓLAR. Um Dólar divide-se em 100 Centavos.

Na França a unidade é o FRANCO, que se divide em 100 Cêntimos.

Na Alemanha é o MARCO, que se divide em 100 Pfennigs.

Na Itália é a LIRA, que se divide em 100 Centésimos. Em Portugal é o ESCUDO, que também se divide em 100 Centavos.

Na Argentina, em Cuba, no Uruguai, no México e no Paraguai é o PESO. Na Áustria é o SHILLING. Na Bolívia é o BOLIVIANO. No Equador é o SUCRE. Na China é o TAEL. Na Grécia é a DRACMA. Na Índia é a RUPIA. No Japão é o IENE. Na Rússia é o RUBLO. Na Espanha é a PESETA. Na Suécia é a KRONA ou COROA. Na Turquia é a PIASTRA. Não há nada que varie tanto como a moeda.

Pode-se, nesse contexto, abordar noções quantitativas de equivalência e de composição e decomposição numérica subjacente a essa equivalência. Novamente, empregando-se ilustrações – de cédulas e moedas – é possível estimular as crianças a estabelecer relações de equivalência a partir da composição de uma unidade monetária em seus fracionais. A partir disso, pode-se explorar a noção de preço mediante equivalência entre dinheiro e mercadorias diversas, cabendo espaço, inclusive, para uma discussão sobre a inflação.

## Considerações finais

Recorrentemente, limites e restrições fazem parte do cotidiano infantil, expressando-se frequentemente em regras instituídas pelos pais, as normas institucionais da escola e nos diversos padrões sociais definem quais ações e quais comportamentos devem ou não ser reproduzidos. As restrições fazem parte do processo educacional, implicam escolhas e fazem parte dos fundamentos da socialização econômica. As práticas financeiras que a criança gradativamente

constrói fazem parte de vasto conjunto de competências econômicas que desenvolve em sua rotina, principalmente no contexto das relações familiares. A educação econômica e financeira, atribuição tradicionalmente materna e paterna, adquiriu nova conotação ao longo da última década.

O desenvolvimento de competências econômico-financeiras da população mundial passou a figurar dentre as prioridades de diversos programas públicos e privados voltados à disseminação de conhecimentos indispensáveis ao planejamento das finanças pessoais e familiares. Dentre os fatores motrizes dessas iniciativas estão preocupações com os efeitos da crescente complexidade do sistema financeiro e da transição demográfica e previdenciária, pela qual muitos países vêm passando.

Tendo por objetivo contribuir para a inserção de situações didáticas de economia na escola, particularmente nas salas de aula de educação infantil e das séries iniciais, fez-se uma descrição das lições de economia disponibilizadas pelo Federal Reserve Bank da Filadélfia, observando-se que as situações didáticas construídas para se lecionar conceitos econômicos mantêm aderência com o cotidiano da lógica escolar, sem rupturas substanciais em relação à dinâmica pedagógica previamente instituída no ambiente escolar. Identificou-se nos planos analisados o potencial da estratégia no que se refere à integração de elementos lúdicos da narrativa com objetos de conhecimento econômico.

Procurou-se ressaltar o potencial dos contos infantis para a Educação Financeira na educação pública brasileira, priorizando-se o emprego de contos infantis para abordagem de conceitos econômicos. Considerando que breves narrativas ilustradas tendem a ser instrumentos instigantes para introduzir as crianças ao conceito de dinheiro, de escassez, valor, escolha, decisão e de inúmeras outras noções do universo econômico, o trabalho procurou ampliar as possibilidades de interface entre contos infantis e conceitos econômicos. Para tanto, exploraram-se obras de La Fontaine, de Saint-Exupéry e de Monteiro Lobato. Ressaltaram-se passagens cuja temática abre possibilidades de abordagem didática de conceitos econômicos que incluem desde valor, juros e poupança até o papel da moeda como “medida de valor”. Incipiente, o trabalho se insere num vasto universo de possibilidades metodológicas de promoção do letramento financeiro no ambiente



escolar. As histórias em quadrinhos, os filmes infantis e outros veículos podem ser igualmente explorados, assim como as circunstâncias e situações construídas pelas próprias crianças no ambiente escolar. Com a institucionalização da educação financeira, muitas contribuições metodológicas não de ser disseminadas,

## Referências

BERTI, Anna Emilia; BOMBI, Anna Silva. *Il mondo economico nel bambino*. Firenze: La Nuova Italia, 1981.

\_\_\_\_\_. DE BENI, Rossana. The development of economic notions: single sequence or separate acquisitions? *Journal of Economic Psychology*, v. 7, 1986, p. 415-424.

BONN, Marta; EARLE, Dave; LEA, Stephen; WEBLEY, Paul. South African children's views of wealth, poverty, inequality and unemployment. *Journal of Economic Psychology*, v. 20, 1999, p. 593-612.

CHAN, Kara; McNEAL, James U. Chinese children's understanding of commercial communications: a comparison of cognitive development and social learning models. *Journal of Economic Psychology*, v. 27, 2006, p. 36-56.

CRAM, Fiona; NG Sik H. Children's endorsement of ownership attributes. *Journal of Economic Psychology*, v. 10, 1989, p. 63-75.

DELVAL, Juan.; KOHEN, Raquel. Paper presented at the 31st Annual Meeting of The Jean Piaget Society. *The Genetic Epistemologist*, v. 29, n. 2. Berkeley, CA: JPS, 2001 (mimeo)

FURNHAM, Adrian; CLEARE, Anthony. School children's conceptions of economics: prices, wages, investments and strikes. *Journal of Economic Psychology*, v. 9, 1988, p. 467-479.

FURTH, Hans. *The world of grown-ups: children's conceptions of society*. New York: Elsevier North Holland, 1980.

HARBAUGH, William. T.; KRAUSE, Kate; VESTERLUND, Lise. Learning to bargain. *Journal of Economic Psychology*, v. 28, 2007, p. 127-142.



HARRAH, Jacklyn; FRIEDMAN, Monroe. Economic socialization in children in a Midwestern American community. *Journal of Economic Psychology*, v. 11, 1990, p. 495-513.

JAHODA, Gustav. Children's concepts of nationality: a critical study of Piaget's stages. *Child Development*, n. 35, p. 1081-1092, 1964.

\_\_\_\_\_. Development of the perception of social differences in children from 6 to 10. *British Journal of Psychology*, n. 50, p. 159-177, 1959.

\_\_\_\_\_. European 'lag' in the development of an economic concept: a study in Zimbabwe. *British Journal of Developmental Psychology*, n. 1, p. 113-120, 1983.

\_\_\_\_\_. The construction of economic reality by some Glaswegian children. *European Journal of Social Psychology*, n. 9, p. 115-127, 1979.

\_\_\_\_\_. The development of thinking about economic institutions: the bank. *Cahiers de Psychologie Cognitive*, 1981, p. 55-73.

KIRCHLER, Erich; PRAHER, Doris. Austrian children's economic socialization: age differences. *Journal of Economic Psychology*, v. 11, 1990, p. 483-494.

LA FONTAINE, Jean de. *Fábulas*. São Paulo: Martin Claret, 2005.

LEISER, D.; ZALTSMAN, J. Economic socialization in the kibbutz and the town in Israel. *Journal of Economic Psychology*, v. 11, 1990, p. 557-565.

LEISER, D. Children's conceptions of economics: the constitution of a cognitive domain. *Journal of Economic Psychology*, v. 4, 1983, p. 297-317.

LEISER, D.; HALACHMI, R. B. Children's understanding of market forces. *Journal of Economic Psychology*, 27, 2006, p. 6-19.

LEISER, D.; SEVÓN, G.; LÉVY, D. Children's economic socialization: summarizing the cross-cultural comparison of ten countries. *Journal of Economic Psychology*, v. 11, 1990, p. 591-614.

LOBATO, Monteiro. *Aritmética da Emília*. Disponível em: <[http://www.miniweb.com.br/cantinho/infantil/38/Estorias\\_miniweb/lobato/Aritmetica\\_Da\\_Emilia.pdf](http://www.miniweb.com.br/cantinho/infantil/38/Estorias_miniweb/lobato/Aritmetica_Da_Emilia.pdf)> Acesso em: 21 fev. 2012.

\_\_\_\_\_. *O sítio do pica-pau amarelo: caçadas de Pedrinho*. v. 3. Disponível em: <[http://www.miniweb.com.br/cantinho/infantil/38/Estorias\\_miniweb/lobato/Vol3\\_Caca-das-de\\_Pedrinho.pdf](http://www.miniweb.com.br/cantinho/infantil/38/Estorias_miniweb/lobato/Vol3_Caca-das-de_Pedrinho.pdf)> Acesso em: 21 fev. 2012.

LYCK, Lise. Danish children's and their parents' economic understanding, reasoning and attitudes. *Journal of Economic Psychology*, v. 11, 1990, p. 583-590.

NG, Sik. H. Children's ideas about the bank and shop profit: developmental stages and the influence of cognitive contrasts and conflict. *Journal of Economic Psychology*, v. 4, 1983, p. 209-221.

OTTO, Annette M. C.; SCHOTS, Paul A. M.; WESTERMAN, Joris A. J.; WEBLEY, Paul. Children's use of saving strategies: an experimental approach. *Journal of Economic Psychology*, v. 27, 2006, p. 57-72.

ROLAND-LÉVY, Christine. A cross-national comparison of Algerian and French children's economic socialization. *Journal of Economic Psychology*, v. 11, 1990a, p. 567-581.

\_\_\_\_\_. Economic socialization: basis for international comparisons. *Journal of Economic Psychology*, v. 11, 1990b, p. 469-482.

SAINT-EXUPÉRY, Antoine. de. *Le petit prince*. Disponível em: <[http://wikilivres.info/wiki/Le\\_Petit\\_Prince](http://wikilivres.info/wiki/Le_Petit_Prince)> Acesso em: 21 fev. 2012.

SEVÓN, Guje; WECKSTRÖM, Sonja. The development of reasoning about economic events: a study of Finish children. *Journal of Economic Psychology*. 10, v. 1989, p. 495-514.

SONUGA-BARKE, Edmund. J. S.; WEBLEY, Paul. *Children's saving: a study in the development of economic behaviour*. Erlbaum: Hove, 1993.

THE FEDERAL RESERVE BANK OF PHILADELPHIA. *About the FED*. Disponível em: <<http://www.philadelphiafed.org/about-the-fed/>> Acesso em: 14 fev. 2012.

\_\_\_\_\_. *Lesson plans for teachers*. Disponível em: <<http://www.philadelphiafed.org/education/teachers/lesson-plans/>> Acesso em: 14 fev. 2012.

WOSINSKI, Marek; PIETRAS, Maria. Economic socialization of polish children in different macro-economic conditions. *Journal of Economic Psychology*, v. 11, 1990, p. 515-528.

ZABUKOVEC, Vlasta; POLIC, Marko. Yugoslavian children in a situation of rapid economic changes. *Journal of Economic Psychology*, v. 11, 1990, p. 529-543.

Submetido em 08/04/2013, aprovado em 28/01/2014.